

ARGUMENTO E SINOPSE

O LANGACEIRO E O SAMURAI 1974

DE GERALDO SANTOS PEREIRA

1. O japonês Toshio Koyashi chegou ao Brasil em março de 1935, vindo de Yamagata, no norte do Japão.

Descendente de velha família samurai, um de seus ancestrais, o samurai Koyto Koyashi, entrou na mitologia oriental por sua extraordinária bravura e perfeta guerreira.

Toshio veio ao Brasil a convite de um velho tio, Masao Koyashi, proprietário de uma fazenda no interior da Bahia, que lhe fez transição de pagamento de dívida, quando ainda morava no interior do Japão. Masao Koyashi, casado, tinha um filho, Toshio, e uma filha, Masao Koyashi, que trabalhava em uma fazenda.

O CANGACEIRO

E O SAMURAI

Ficando viúvo, em decorrência de uma doença, o velho Masao levou consigo o filho Toshio, filho de seu irmão Shogiro, falecido alguns anos antes, com recursos, deixando viúvo o filho único, Toshio.

Toshio conheceu a mãe, Mori, e a jovem esposa, a filha e filha adotiva, com quem se casara pouco antes.

Com a união da família, e com o dinheiro recebido por Masao, que ainda possuía algumas propriedades, a viagem ao Brasil foi preparada em pouco tempo.

Uma certa manhã, quando Toshio estava em uma fazenda, recebeu uma carta de seu irmão Shogiro, falecido alguns anos antes, com recursos, deixando viúvo o filho único, Toshio.

Após longa viagem, que se deu em navio, Toshio chegou ao Rio de Janeiro, onde se hospedou em uma fazenda, onde se hospedou em uma fazenda.

RIO DE JANEIRO

1974

O CANGACEIRO E O SAMURAI

Argumento cinematográfico

de Geraldo Santos Pereira

1. O japonês Toshiro Koyashi chegou ao Brasil em março de 1935, vindo de Yamagata, no norte do Japão.

Descendente de velha família nipônica, um de seus ancestrais, o samurai Keyto Koyashi, entrara na mitologia oriental por sua extraordinária bravura e perícia guerreira.

Toshiro veio ao Brasil a chamado de um velho tio, Massao Koyashi, proprietário de uma fazenda no interior da Bahia, que lhe fora transmitida em pagamento de dívida, quando ainda morava no interior de São Paulo. Indo conhecer a terra baiana, Massao Koyashi por lá ficou, criando gado e plantando alguma lavoura.

Ficando viúvo, sem descendência, o velho Massao lembrou-se do sobrinho, filho de seu irmão Shegiro, falecido alguns anos antes, sem recursos, deixando viúva e o filho único, Toshiro.

Toshiro consultou a mãe, Mori, e a jovem esposa, a bela e delicada Sayuri, com quem se casara pouco antes.

Com a anuência da família, e com o dinheiro também remetido por Massao, que assim provava confiar numa decisão favorável, a viagem ao Brasil foi preparada em pouco tempo.

Numa certa manhã, trazendo uma bagagem que incluía roupas, louça, objetos e lembranças de família, além de uma velha canastra com incrustações de marfim e madrepérola, tratada cuidadosamente por Toshiro, os três moradores de Yamagata embarcam num velho navio cargueiro, comandado por um parente afastado.

2. Após longa viagem, quase ao redor do mundo, os japoneses chegam, numa manhã de sol forte e luminoso, ao porto de Salvador. De lá, via terrestre, alcançam Jacobina e, pela estradinha de terra, a "Fazenda do Japonês", como é conhecida na região a propriedade do velho Massao Koyashi.

Profunda e emocionada é a alegria do fazendeiro quando vê chegar, diante da casa-grande, os parentes do Japão.

Ninguém percebe, neste instante, a secreta perturbação que, durante algum tempo, turva de melancolia o rosto envelhecido do fazendeiro quando se aproxima de Sayuri, nela fixando sua cansada vista, curvando-se com a tradicional medida da gente do Japão.

Toshiro Koyashi ajuda a descer a bagagem, conduzindo para dentro da casa, ele próprio, a velha arca japonesa. Quando Massao indaga o que contém, limita-se a responder, sem maiores detalhes:

- São relíquias de família.

Depois Massao mostra aos recém-chegados o interior da fazenda, no qual se percebe, de mistura com objetos, móveis e utensílios da vida brasileira, a lembrança da terra japonesa, com sua atmosfera inconfundível diluída pelo tempo e a distância.

Antes que se retirem para os quartos, após o jantar, o velho Massao vai buscar uma boneca japonesa, que dá de presente à encantadora esposa de Toshiro, dizendo, comovido, que "era a preferida de Shugi".

Mais tarde, na intimidade do quarto, Massao Koyashi vai olhar, demoradamente, a fotografia amarelada da esposa, falecida anos atrás e enterrada no jardim da própria fazenda, cujo túmulo, em forma de pagode, se avista da janela.

Shugi, na foto, veste o traje nupcial e deixa ver extraordinária semelhança com Sayuri: o rosto puro e reflexivo, a expressão delicada, quase infantil, cheia de feminilidade e recato.

Enquanto Massao contempla, nostálgico, a velha fotografia, metros adiante, no quarto que dá para o pomar, Sayuri penteia os longos cabelos, preparando-se para dormir.

Massao, em seguida, afasta-se do retrato, caminha alguns passos no quarto, abre uma porta, ganha a varanda, vai sentar-se na cadeira de balanço, fica escutando a noite profunda do sertão, mergulhado em sua saudade.

3. No dia seguinte, após o café da manhã, Massao reúne diante da sede os empregados, entre os quais se destaca o capataz Silvino Meireles, baiano forte, a pele curtida pelo sol, o chapelão à

cabeça, calado e respeitoso.

Massao chega do interior da casa trazendo os parentes. Sayuri, desejando prestigiar a apresentação singela, veste o vistoso quimono, traje tradicional das mulheres do Japão, de colorido vivo, surpreendente e exótico.

A aparição da linda japonesa, com sua atraente indumentária, provoca forte impressão naqueles homens rudes. Silvino, mais do que todos, fixa nela um olhar mesclado de surpresa e fascinação.

Massao faz as apresentações, falando um português carregado e pitoresco. Um a um, os empregados sobem os degraus do alpendre, vão apertar, respeitosamente, a mão dos novos moradores da fazenda.

Quando Silvino chega perto da família, o chapéu à mão, encabulado, é anunciado com deferência especial pelo fazendeiro, que o apresenta como "meu braço direito".

4. Depois a vida volta, aparentemente, ao normal, cada um entregue a seu trabalho de rotina.

Massao manda preparar dois cavalos e vai mostrar a propriedade ao sobrinho, enquanto Sayuri e a sogra saem a visitar, a pé, as imediações da casa-grande.

Percorrem a horta, o pomar, o jardim, no qual reverenciam, a um canto, cercado de flores, o pequeno túmulo de Shugi, mulher de Massao Koyashi.

Mais adiante, no curral, Silvino Meireles separa o gado e, com o olhar, acompanha o leve caminhar da japonesinha, que avança com seus passos curtos, pontilhando de cores, com sua roupa, a agreste paisagem sertaneja.

Depois as duas mulheres se aproximam do curral. Sayuri reconhece Silvino, trabalhando ao sol forte, banhado de suor, os rijos músculos destacando-se num todo que é viril e sensual. O olhar do baiano e de Sayuri se cruzam e ambos se intimidam, confusos.

Depois as mulheres se afastam. Silvino monta o cavalo, solta um grito forte, comandando o gado, que sai para o pasto.

Sayuri e dona Mori continuam o passeio, despertando, à sua passagem, a curiosidade dos peões, dos vaqueiros e suas mulheres humildes.

5. Apesar do choque inevitável com hábitos e costumes da nova terra, os japoneses, com o passar dos dias, integram-se na vida do campo. Nisto ajuda-os, decisivamente, pela experiência que possui da terra brasileira, o velho Massao Koyashi, homem prudente, maneiroso, muito estimado por aquela gente.

Toshiro começa a por em execução alguns melhoramentos na propriedade; inicia criações de aves e porcos, seleciona terrenos propícios ao cultivo agrícola, faz drenagens e irriga as terras pobres.

Alheio à rotina da fazenda, aos poucos, através de detalhes reveladores e sutis, cresce naquele lugar um conflito que a presença de Sayuri provoca em Silvino Meireles, de um lado, e no próprio Massao Koyashi, de outro.

No velho fazendeiro o conflito é requintado e secreto, enquanto no capataz se manifesta por reações físicas, carnaais, de mistura com provocações de uma sensualidade que facilmente degenera.

Nos dois homens, patrão e empregado, repontam sentimentos perturbadores, capazes de transtornar aquela paz tranquila.

Testemunha visual e inflexível do drama que se articula naquele mundo de sol, a câmara cinematográfica aos poucos vai penetrando no segredo que cresce com a força de um presságio.

Enquanto isto, alheia à paixão que inspira em nossos personagens, Sayuri Koyashi transita por aqueles espaços como um símbolo de pureza e juventude.

De sua figura frágil, requintada, a objetiva se transfere para a presença vigorosa de Silvino, mostrando o antagonismo de raça e cultura, de mundos que não se equilibram sem abalo.

Por outro lado, também em contraste com o leve frescor juvenil da japonesa, o rosto envelhecido de Massao é a imagem de uma paixão senil e inútil.

Alí, naquele recanto afastado, perdido no sertão,

arma-se um drama insólito, nascido do entrechoque de raça e geração. Uma semente inquietante viceja, com raízes que penetram na alma e amadurecem os frutos da tragédia.

6. Baixa a noite na fazenda. Uma noite palpitante, de hálito morno, fastidiosa e emotiva.

Massao Koyashi, no quarto de dormir, sente-se inquieto, nostálgico. Vai, uma vez mais, rever o retrato envelhecido da mulher. Ele parece movimentar-se a seus olhos. O que se move, no entanto, é a própria Sayuri, metros adiante, agora fixada pela câmara em seu leito, aninhada nos braços de Toshio.

Deixando o casal em sua amorosa intimidade, a câmara se afasta do quarto, ganha a janela, vai desvendar a paisagem do sertão.

Ao fundo, clareados pelo luar e por facho luminosos que saem de janelas, vêem-se o paiol, currais, galpões, árvores, pasto e, ao longe, próxima a um grande cacto, a casa humilde de Silvino Meireles.

A câmara se aproxima do capataz, sentado à soleira da porta. Ele prepara um cigarro de palha, distante, enigmático. Depois se põe a fumar, os olhos perdidos na distância.

Depois Silvino se ergue e, vagarosamente, caminha pelo campo, sem rumo. Vai ao topo de uma colina e de lá, silhueta contra o céu, fica olhando, longamente, a casa-grande, de onde sai um único ponto de luz. Dele nos aproximamos, lentamente. É o quarto de Massao, que agora faz preces diante da pequena imagem budista, colocada num nicho, a um canto do cômodo.

É quanto começa a ouvir-se o galopar de um cavalo, ferindo o silêncio da noite estival.

Sayuri, despertando com o ruído, vai à janela, evitando acordar o marido, que dorme profundamente.

Silvino Meireles, montando o cavalo baio, atravessa o grande pátio da fazenda e, próximo à casa-grande, avista Sayuri à janela, refreia o cavalo, tira o chapéu e faz um gesto de respeito.

Sayuri, quase assustada, retorna ao interior do quarto, enquanto o capataz fustiga com força o animal e se perde na

distância.

Inquieta e insone, a bela japonesinha veste um agasalho, abre a porta do quarto, transpõe a sala e vai à varanda.

Senta-se num canto, fica olhando a paisagem ainda manchada da poeira levantada por Silvino.

O baiano, enquanto isso, ganha o caminho de terra, galopa na direção da localidade de Ibié, alguns quilômetros adiante, e no qual se enche de cachaça e termina ~~am~~ noite com uma prostituta humilde e melancólica.

7. No dia seguinte, pela manhã, com a fazenda entregue à rotina de todo dia, Sayuri distrai-se na horta, com a enxada, preparando a terra para o plantio de legumes. Veste um traje leve, deixando ver o colo alvo, os braços delicados. Seus cabelos estão soltos, o rosto queimando-se ao sol.

Distraída, não percebe a aproximação de Silvino, que regressa do lugarejo, montado no cavalo baio. Continua a plantar as sementes, até que começa a ouvir as patas do animal. Volta-se lentamente e vê, no alto, a figura dominadora do baiano, com os olhos que não escondem desejo e fascínio.

Sayuri estremece, deixa cair a enxada, afasta-se alguns metros, confusa e assustada.

Nesse exato momento, surgindo à porta dos fundos, Toshiro Koyashi presencia a cena, percebe tudo.

Sayuri vai ao seu encontro, enquanto Silvino fustiga o cavalo, afastando-se a galope.

8. No dia 7 de julho daquele ano, a rotina da "Fazenda do Japonês" será radicalmente transtornada. Na véspera, "seu" Massao comunicara aos empregados que, no dia seguinte, não haveria trabalho, por ser feriado, "um feriado japonês, de nossa tradição".

É o dia do "Tanabata Matsuri", um dos mais românticos e pitorescos costumes da terra nipônica.

Logo cedo, na quinta-feira de sol intenso, manda o fazendeiro cortar varas de bambú, que depois finca diante da casa-grande

O CANGACEIRO E O SAMURAI

Argumento Cinematográfico
de GERALDO SANTOS PEREIRA

S i n o p s e

1. Em 1935, após receber como pagamento de dívida, uma fazenda de gado no interior da Bahia, o japonês Massao Takeda deixou São Paulo, onde residia com a mulher, Kimie, e foi radicar-se naquela região dominada pelas caatingas e, na década de 30, flagelada por violentas incursões dos bandos armados de cangaceiros.

Morrendo-lhe a esposa, Massao ficou só numa região áspera e bela. Resolveu, então, chamar do Japão um sobrinho, também agricultor, que desejava tornar herdeiro de seus bens.

Kyoshiro Takeda, recém casado com a jovem e bela Sayuri, embarcou na companhia da esposa e da mãe, viúva, chegando por volta de abril de 1936 ao porto de Salvador, trazendo, entre outros pertences, uma bela e trabalhada arca antiga, a que dedicava cuidados especiais.

Recebido com emoção pelo tio, Kyoshiro, Sayuri e dona Mari atravessaram a parte baixa de Salvador, despertando a curiosidade pitoresca dos baianos, e embarcaram num velho ônibus, a caminho da vasta propriedade rural, conhecida como "Fazenda do Japonês".

A presença juvenil e delicada de Sayuri, com a voz bonita e o som nostálgico do shamisên, que ela executava ~~va~~graciosamente, despertou no velho Massao reminiscências que, com o correr do tempo, transformaram-se em admiração e inquietude, pois a moça possuía grande semelhança com Kimie, quando jovem.

Também como Massao, o capataz da fazenda, o baiano Antônio Garcia, homem rude, calado e másculo, foi particularmente atraído pelo fascínio e o encanto de Sayuri.

A "Fazenda do Japonês", sob o impulso da juventude e, especialmente, da competência e capacidade de trabalho de Kyoshiro Takeda, prosperou e diversificou-se, permitindo, sem grandes dificuldades, rápida ambientação dos nipônicos na vida rural nordestina. Conservaram, contudo, os velhos e tradicionais hábitos da civilização milenar japonesa, criando, com isto, um pitoresco e curioso contraste de duas ricas culturas e tradições populares.

Enquanto, por exemplo, a família japonesa comemorava, no interior da casa-grande, o "Tanabata-Matsuri", antiga e tradicional festa rural do Japão, os baianos, para retribuir-lhes a gentileza pela distribuição de doces e pratos típicos, realizaram, no galpão da fazenda, uma ruidosa demonstração de Candomblé, no qual, representando Ogūn, Antônio Garcia era a principal e impressionante figura.

As duas festas, alternando decoração, ritmos, melodias, cantos e danças na quente noite sertaneja, pareciam exaltar o misticismo de duas raças e aprofundar o antagonismo que, desde algum tempo, vinha separando Kyoshiro de Antônio Garcia.

Certa noite, na ausência de Kyoshiro, em viagem de negócios, o velho Massao e Sayuri, envolvidos pelo fascínio da noite do sertão, foram à varanda e lá recordaram nostalgicamente a pátria distante. Massao, transportado para o passado e vendo, na imaginação, a linda Sayuri transformar-se em Kimie, quando moça, caminhou em sua direção, dominado pelo desejo, excitado e feliz. Sayuri, assustada, temeu-o e, a certa altura, retirou-se para o quarto, enquanto Massao, alquebrado pela vergonha, o remorso e a humilhação, fechou-se no quarto, escreveu uma carta e se matou.

2. Assumindo, com a morte do tio, a propriedade da fazenda, Kyoshiro despediu secamente o antigo capataz.

Antônio Garcia, calado, foi apanhar os pertences, a viola, a instrumentária do Candomblé, o facão e a imagem de Santo Antônio. Depois montou no cavalo, que fez questão de comprar de Kyoshiro, e partiu pela estrada de terra.

Quilômetros adiante, à beira do caminho batido pelo sol forte,

deparou com um cangaceiro ferido, pedindo socorro. Foi ajudá-lo. Antes de morrer, o cangaceiro pediu-lhe para avisar a família, moradora na cidade de Manga Rosa, e dar ciência de sua morte ao chefe do bando Aparício Meireles, famoso em todo o Nordeste, vagando pelos lados da Chapada da Ema.

Cumprindo o prometido, Garcia encaminhou-se para Manga Rosa, levando, inocentemente, o fuzil, a cartucheira, o bernal e outros pertences do cangaceiro. Ao cruzar a praça de Manga Rosa, o ex-capataz foi violentamente agarrado por soldados do destacamento e, aos berros e sãfâ-nões, confundido com bandido de cangaço, jogado na cela da prisão.

Espancado e humilhado, guardando um ódio surdo e impotente, Garcia, dias mais tarde, conseguiu escapar, saindo à procura do bando de Aparício Meireles, ao qual se juntou, definitivamente, iniciando nova fase de sua vida.

Enquanto isso, na fazenda, a terra se cobria de novos cultivos, o gado e outras criações se multiplicaram, projetando o nome e o prestígio de Kyoshiro Takeda.

Certo dia, na ausência do fazendeiro, que partira em viagem a Salvador, a propriedade foi inesperadamente invadida pelo bando, agora chefiado por Antônio Garcia, que substituíra Aparício Meireles, morto em combate com a Polícia.

Liquidando, em pouco tempo, a resistência de alguns empregados, Antônio Garcia invadiu a casa-grande e foi ao encontro de Sayuri. Um de seus homens, divisando a mãe de Kyoshiro empunhando perigosamente uma arma, abatê-a com tiro certo. Sayuri desfaleceu, amparada por Garcia, que apanhou, num armário, o belo e vistoso traje trazido do Japão, e que tanta admiração despertava nele.

Garcia carregou-a então nos braços, montou e, antes de partir, pediu a Pedro Roque, o novo capataz, que informasse a Kyoshiro que viera buscar sua mulher. Depois esporeou o cavalo e se afastou, levando no selim a japonesinha aterrorizada.

3. Regressando de viagem, Kyoshiro deparou com o quadro trágico: morta a mãe e seqüestrada a esposa. Fechado em ódio, calado e determi-

nado, o japonês mandou preparar um animal e, antes de partir ao encalço de Sayuri, apanhou no interior da casa a velha canastra, que amarrou na garupa do cavalo.

Depois partiu, só, sem nenhuma arma de fogo, iniciando uma longa, dramática e patética perseguição que atravessou o sertão da Bahia e penetrou no território de outros Estados nordestinos.

Metido em roupa sertaneja, chapéu de palha na cabeça, os pequenos olhos fincados na distância, Kyoshiro avançava, sertão a-dentro, prescrutando pistas, decifrando detalhes, enquanto, com alternância de ação dramática, o bando de Antônio Garcia cruzava o Nordeste, despistando, fugindo ou, vez e outra, enfrentando os soldados do Governo, criando uma legenda de sangue e violência.

Ao lado de Garcia, montada num cavalo baio, Sayuri nada dizia, vestindo saia e blusa de desenhos coloridos, um largo chapéu de palha na cabeça, protegendo-a do sol causticante. Garcia, invariavelmente ao lado dela, a certa altura falou, pausadamente:

- Quando vosmicê ordenar, dona Sayuri, largo tudo isto. A gente vai para São Paulo, viver vida decente. Não quero ser bandido, me entenda.

A japonesinha nada respondeu, fitando-o enigmática, quase irônica.

Enquanto isto, noutro ponto do sertão, Kyoshiro prosseguia, infatigável, sua busca obstinada. Nada o detinha, na voragem da vingança: nem o sol que castigava, nem os espinhos que lhe rasgavam a pele e a roupa. Avançava sempre, penetrando nos cerrados de macegas altas, transpondo as caatingas espinhentas sob o céu sem núvens, cruzando a fronteira com o Piauí, passando ao lado de Caracol, Raimundo Nonato, cortando o rio Piauí, no ponto atravessado, antes, pelo bando de Antônio Garcia.

Ferido numa refrega com os soldados, Garcia desfaleceu e, quando voltou a si, encontrou-se, só, num canto do mato. Compreendeu, então, que Sayuri fugira. Mas, pouco depois, ouviu ruídos de passos, e avistou Sayuri que, trazendo uma cuia com água, viera tratar-lhe o ferimento.

Posteriormente, convalescendo num lugarejo afastado, que o bando, reagrupado, tomou de assalto, Sayuri entrou no quarto onde Garcia

repousava. Trazia um prato de sopa, que depositou numa mesinha de cabeceira. Antes de afastar-se, suavemente como chegara, o cangaceiro deteve-a com a mão.

Sauyri se voltou, deixando-se atrair por Garcia, que a tomou nos braços, estendeu-a na cama, beijou-lhe os cabelos, o rosto, a boca. Depois retirou-lhe vagarosamente a blusa, o soutien, a saia, beijando-lhe todo o corpo alvo e delicado.

Fora, na rua comprida do lugarejo, precariamente iluminada, um mendigo caminhava, pedindo esmola com a voz cantada e sofrida:

- Gente, o miserê tá demais nesta vila! Mas, quem sabe o povo de Garcia não me dá um esmolão? Custa pedir?...

Atraído pelos ruídos que os cangaceiros faziam numa pensão de mulheres, o cego foi em sua direção, com a pitoresca cantilena:

- Vai ver os cabras tão tudo no cabaré. Meus irmãos, me dêem uma esmola, por obra de caridade! Meus irmãos, me dêem uma esmola!

4, No dia seguinte, pela manhã, o bando de cangaceiros deixou a cidadezinha, que ficou de novo vazia e silenciosa.

Pouco a pouco, no entanto, foi voltando ao normal, e sua triste população, ainda assustada, comentava a invasão, retomando sua humilde ocupação.

Eis quando, surgindo num extremo do arraial, Kyoshiro Takeda foi chegando com seu cavalo e sua canastra, reverberando ao sol forte.

Desceu à rua principal, transitada pelos moradores, alguns também a cavalo, aproximou-se de um empório, desmontou, pediu água, comprou milho para o animal, tornou a montar e, tranqüilamente, atravessou o vilarejo e se afastou.

A perseguição continuou, então, tenaz e implacável, com Kyoshiro agora seguindo de perto o bando inimigo, deslocando-se como sombra, cauteloso, examinando pegadas e detalhes que indicavam a passagem do bando.

Depois de escapar de uma volante policial, o bando de Garcia embrenhou-se no mato e se aproximou, ao anoitecer, de uma região menos árida do Norte baiano.

E lá, numa depressão do terreno, local de vegetação mais densa, o bando armou acampamento, enquanto Kyoshiro, que seguira por equívoco as pegadas da volante policial, retomava o caminho certo, ao encalço dos cangaceiros.

No valhacouto, ao anoitecer, o bando acendeu fogueiras, em pontos estratégicos do capão de mato. E se entregou às suas ocupações normais, costurando roupas e bornais, lavando-se com água trazida de um riacho, perfumando o corpo, lustrando os cabelos com brilhantina, limpando o pelo dos cavalos, jogando partidas de "suecas", "três-sete", "trinta-e-um" e "sete-e-meio", contando dinheiro, etc.

Num canto, avistava-se a barraca de Sayuri, armada entre umbuzeiros. No centro do acampamento, dois cangaceiros iniciaram a capoeira, ritmada por berimbaus e pandeiros.

Foi quando Kyoshiro Takeda se aproximou do valhacouto, escondido entre árvores. Apeou e, cuidadosamente, evitando ser percebido pelos vigias, foi espionar o esconderijo dos bandidos.

Havia, finalmente, alcançado seus grandes inimigos. No rosto dele, tenso e fechado, pairava uma expressão indisfarçável de prazer, retesando-lhe a energia no esforço de confronto e vingança.

Voltou depois para junto do cavalo, preso no galho de uma árvore. Desamarrou então a canastra e a transportou a um capinzal. Apanhou depois uma chave e abriu a fechadura do móvel.

Ergueu a tampa da arca e, de seu interior, retirou cuidadosamente uma velha indumentária japonesa, deixando ver, no fundo, sinistra, uma espada samurai, guardada em bainha.

Num pequeno compartimento da canastra viam-se papéis, fotografias e documentos amarelecidos pelo tempo.

Com o traje, retirado da arca, dobrado sobre suas mãos, Kyoshiro caminhou alguns passos, colocou-o sobre a raiz de uma árvore e, em seguida, sem pressa, como num ritual, retirou a camisa de fustão, sem colarinho, a calça de brim cáqui, as botinas sertanejas, o chapéu de palha.

Depois, com certa solenidade, seminu, começou a vestir a indumentária japonesa, larga e ampla, e que lhe recobriu todo o corpo como um traje sacerdotal.

Uma nova e surpreendente figura ressurgiu, então, naquele canto escondido, deslocada na paisagem noturna do sertão.

Extravagante, quase irreal, ali se produziu a estranha transmutação do mito guerreiro do Oriente para a terra tropical. O ritual ganhava carne, reatando a lenda, transfigurando o homem e o incorporando à nova realidade.

Em lugar do fazendeiro, pacato e nativo, ali se compunha, com solenidade hierática, a figura fantástica do guerreiro medieval, o olhar cortante, preparando-se para a luta de vida e morte.

No acampamento, alheios à presença solitária do japonês, os cangaceiros continuavam os afazeres, dançavam a capoeira, com suas gingas e negaças, estimulados pelos gritos e o estímulo dos companheiros.

De seu canto, Kyoshiro ouvia o alarido dos bandoleiros e, indiferente a tudo, terminava de vestir-se. Depois foi apanhar, do fundo da canastra, a velha espada que pertenceu a seus antepassados.

Prendeu-o à cintura, à moda samurai, recolheu-se a um canto, onde fez preces, calmo e concentrado.

Estava pronto para o ato final, imagem insólita de ficção e lenda.

Caminhou alguns metros e prescrutou, pela última vez, o local do acampamento, de onde subiam vozes, gritos e ruídos da festa dos cangaceiros.

Foi quando, de súbito, sob o impulso de um salto felino, Kyoshiro Takeda, espada em riste, projetou-se no meio do valhacouto, soltando um terrível brado de guerra.

Alcançando o solo, o japonês, como raio mortífero, arrojou-se contra os bandidos atônitos, sem tempo para se armar e se defender, muitos embriagados, a expressão bestificada.

Contra eles o terrível guerreiro se lançou, cortando-lhes o corpo, decepando-lhes a cabeça, arrojando-os ao chão, entre poças de sangue.

E movia a espada sinistra, decepando braços, pernas e pescoços, fazendo o sangue esguichar, entre gritos lancinantes.

De repente, vindo de um canto do acampamento, Antônio Garcia alcançou o local da terrível chacina. Parou, atônito, como se nada entendesse.

Sauyri o acompanhava, pouco atrás, vestindo o quimono de cores fortes, os cabelos penteados à moda oriental. Quando avistou o marido, transfigurado em samurai, empalideceu, paralisada de espanto.

Kyoshiro também a avistara. Caminhou, então, vagorosamente, na direção do casal, a espada empapada de sangue.

Garcia, por sua vez, retirou o punhal da bainha e também se enca-minhou para o japonês, que o esperava, pouco adiante, espada à mão.

Na trilha sonora, antes dominada pelo som mesclada de berimbaus e tambores da tradição bélica japonesa, faz-se um grande silêncio, só se ouvindo os passos de Garcia e a respiração ofegante do samurai.

Vendo o cangaceiro aproximar-se, Kyoshiro também foi ao seu encontro, o olhar crispante, desviando-se de corpos e poças de sangue.

Acercaram-se um do outro, espada contra punhal, samurai contra cangaceiro, homem contra homem.

Ficaram a poucos passos um do outro, fitando-se nos olhos, medindo forças, reprimindo o ódio.

Ali se defrontavam duas raças, decidindo antagonismo e vingança.

Subitamente, as mãos erguendo a espada, Kyoshiro arremeteu para a frente, pronto para golpear. Mas Garcia, num átimo, desviou o corpo, ergueu também o facão.

E as armas se chocaram, aço contra aço, detidas com força descomunal, na luta de vida e morte. Num canto, expectante, Sayuri era a espectadora inútil do terrível duelo.

Na tela, ou no vídeo, a imagem de Garcia, no embate impressionante, fundia-se com a figura de Ogün e, em lugar da roupa de couro, com o lenço ao pescoço, as cartucheiras e o culote, surgia, no efeito especial, a indumentária do Candomblé, brandindo o punhal ao som forte dos atabaques, pandeiros, cabaças, agogôs e berimbaus.

Durante algum tempo, pontilhando o duelo, fundiam-se e alternavam-se sons afro-brasileiros e japoneses, violas e "shamisêns", gritos e imprecações nas duas línguas, enquanto as imagens dos contendores tornavam-se hieráticas, lentificadas pela técnica fotográfica do high-speed.

A montagem especial da sequência termina no exato instante em que o japonês golpeia mortalmente o adversário, voltando as imagens à

velocidade normal.

Os dois contendores estavam no centro da clareira, Garcia ferido no peito, o sangue jorrando do talho profundo, Kyoshiro, terrível, detendo com força a espada, pronto para o golpe de misericórdia.

PRIMEIRA VERSÃO PARA O FINAL

Mas não o fez, ao avistar, atônito, Sayuri que viera amparar no colo a cabeça do cangaceiro em agonia.

Compreendendo tudo, Kyoshiro baixou lentamente a espada, enquanto Garcia, antes de expirar, contemplava amorosamente o rosto da japonesa, no qual o sofrimento era um traço inusitado.

Diante dela, perplexo, Kyoshiro permanecia imóvel, fixando na moça um olhar mesclado de ódio e piedade, desprezo e tristeza.

O cangaceiro deixou, então, cair a cabeça e morreu, manchando de sangue o quimono colorido da moça.

Kyoshiro recuou alguns passos, acororou-se, à moda oriental, colocou a ponta da espada no ventre, pronto para matar-se. Antes que o fizesse, no entanto, fixou na mulher, pela última vez, um olhar estranho e profundo. Depois juntou forças e, subitamente, enfiou a espada no ventre, tombou para a frente e morreu.

Câmera sobe, instalada em grua, ou helicóptero, e mostra a clareira juncada de corpos e, no centro, Sayuri afagando solitariamente a cabeça do cangaceiro. Começava a amanhecer, e um grande silêncio cobre a paisagem agreste do sertão.

Na trilha sonora só se ouve a batida monótona de um berimbau.

SEGUNDA VERSÃO PARA O FINAL

Depois que golpeou mortalmente o ex-capataz, Kyoshiro limpou a espada e enfiou-a na bainha. Depois, vagarosamente, caminhou na direção de Sayuri, afastada alguns metros, esperando.

E lhe disse somente uma palavra, em sua língua:

- Vamos.

Depois os dois se afastaram, subiram a colina e se aproximaram do cavalo. E ali, enquanto Sayuri ia recolhendo os pertences do marido Kyoshiro despojou-se do traje samurai, que guardou, com a espada, no

fundo da canastra, e voltou a vestir a roupa de fazendeiro.

Prendeu, em seguida, a arca na garupa do animal, montou e ergueu Sayuri, que colocou no selim.

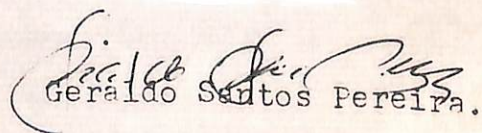
Só então partiu, tomando mais adiante o caminho de terra, que serpenteava na caatinga que amanhecia.

Na trilha sonora começa a ouvir-se a voz de um cantador nordestino, com a viola sertaneja, iniciando um ABC, relato musical da saga do cangaceiro e o samurai:

"Atenção que eu vou contar,
meu povo, preste atenção,
um ABC muito trágico
que aconteceu no sertão,
envolvendo uma família
procedente do Japão".

Enquanto Kyoshiro e Sayuri, a cavalo, se afastam na trilha que rasga a caatinga, agora inundada de sol, a voz do cantador também vai diminuindo, com a nova estrofe do ABC:

"Bendigo quem vive em paz
lavorando nas fazendas,
assim vivia um nipon
livre de todas as contendas
pensando na sua terra,
no Japão de muitas lendas".


Geraldo Santos Pereira.